

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



RIBEIRO, José Silvestre (Idanha-a-Nova, 1807 – Lisboa, 1891)

José Silvestre Ribeiro ocupa um lugar significativo no contexto da historiografia portuguesa, ainda que presentemente esteja quase votado ao esquecimento. Além de uma carreira político-administrativa profícua, em que aliou a escrita literária à indagação historiográfica, fixou um cunho indelével nos vastos enredos da história das instituições científicas e culturais nacionais. Filho de António Nunes Ribeiro e de Josefa Pereira da Silva, a quem seria averbado o bacharelato em Direito Canónico pela Universidade de Coimbra.

As suas convicções liberais evidenciaram-se depressa no ambiente universitário, tendo ingressado as fileiras do célebre *Batalhão Académico* em prol do estandarte liberal, mas seria constrangido a abandonar a Universidade logo após a *Vilafrancada* (27 de Maio de 1823) e a procurar refúgio no exílio. Participaria na *Belfastada* (Junho-Julho 1828), mas, frustrada essa operação militar, juntar-se-ia aos contingentes vencidos que se refugiaram na Galiza, de onde partiria para Paris. Aqui tentou retomar a sua formação académica, assistindo, entre outras aulas, às palestras de François Guizot (1787-1874) na Sorbonne, um dos grandes historiadores europeus do seu tempo, ensinamentos que marcaram a sua escrita historiográfica, contribuindo para a sua convicção europeísta dos destinos históricos de Portugal, tornando-o visceralmente crítico quanto às tendências pró-coloniais africanistas então em voga.

Após a chegada de D. Pedro IV aos Açores, partiria para Ponta Delgada, onde incorporou a expedição liderada pelo almirante George Sartorius (1790-1885), encontrando-se entre os 7500 *bravos* que desembarcaram no Mindelo, a 8 de Julho de 1832. No cerco do Porto destacou-se com bravura na defesa da Serra do Pilar, sendo condecorado com a comenda da Ordem da Torre e Espada (1832). Na etapa final das lutas liberais, integrou a expedição comandada por D. António Severim de Noronha (1792-1860), depois 1.º duque da Terceira, partindo do Porto e desembarcando em Cacela, no Algarve. Acompanhou as tropas até Lisboa, estando entre os primeiros soldados que entraram na capital, a 24 de Julho de 1833. Assinada a Convenção de Évora-Monte (23 de Maio de 1834), retomaria os estudos em Coimbra, sendo aprovado como bacharel (1834), beneficiando das dispensas deferidas aos combatentes liberais. Consequentemente, José Silvestre Ribeiro daria continuidade a uma carreira ascendente, tendo sido administrador-geral de vários distritos, ministro da Justiça (1857), juiz vogal do Supremo Tribunal Administrativo (1875), culminando



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

com a sua indigitação como Par do Reino (1882). Paralelamente, fora deputado por Angra do Heroísmo (1846; 1858-1859) e pelo Funchal (1848-1851; 1853-1856).

José Silvestre Ribeiro sustentou uma actividade cívica enérgica, tendo fundado a Sociedade Protectora dos Animais e o Montepio Geral, a cuja assembleia geral presidiu, sempre envolto numa aura indefectível, como José Germano da Cunha abonou: “As perturbações políticas soube vencê-las, soube dominá-las, não escoltado por baionetas ou canhões, mas apresentando-se só, intemerato, no pedestal da estima e consideração que lhe votavam, da fama de homem honrado e íntegro que o iluminava, do prestígio de seu nome que lhe abençoavam. Sem vacilar, sem resvalar um só momento, soube conservar-se sempre toda a altura da sua dignidade de sábio e de magistrado, de cidadão benemérito, cheio de abnegação e desinteresse, de patriota ardente, evangelizador de todas as mais belas conquistas do progresso” (*O Conselheiro d’Estado Extraordinario José Silvestre Ribeiro*, 1893, p. 36).

Como investigador, dedicou-se essencialmente a três áreas científicas centrais – os estudos administrativos, as indagações sobre literatura e a *praxis* historiográfica sobre as instituições ao longo da nossa história. Assim, ainda no campo da história das instituições, é considerado unanimemente como um visionário devido ao seu *opus* maior, ainda que incompleto, a *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artísticos de Portugal nos successivos reinados da Monarchia* (vols. I-XVIII, 1871-1893), onde transparece uma busca incessante pela exactidão histórica: “Continuamos a empregar a necessária diligência para reunir a maior soma de esclarecimentos a respeito de cada um dos institutos, e para assentar as nossas asserções em sólidos alicerces, em testemunhos autorizados. Mas, se podemos afiançar o escrúpulo que preside ao nosso trabalho, nem por isso ousamos lisonjear-nos de satisfazer cabalmente ao nosso empenho” («Prólogo», vol. II, p. X). Aqui transparece uma ambição pelos trâmites e exigências de uma história documental, de matriz positivista e erudita, a qual tentou conter todas as instituições nacionais que revelassem características singulares no âmbito das Letras, Artes e Ciências em todos os reinados, mantendo-se uma ferramenta de estudo útil e fidedigna perante os cânones actuais.

Colaborador habitual no *Jornal do Commercio*, *Revolução de Setembro*, *O Panorama*, *Archivo Pittoresco*, *Diario de Noticias*, *Zoophilo*, entre outros periódicos, foi sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, comendador da Ordem da Torre e Espada, cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, grã-cruz da Ordem de São Estanislau da Rússia e cavaleiro da Coroa de Carvalho dos Países Baixos, entre outras honras e distinções. Paralelamente ao seu percurso profissional e académico, debateu-se abertamente pelas áreas da assistência social e cívica, da pedagogia e até da defesa dos direitos dos animais, impondo-se nos mais elevados cargos político-administrativos do seu tempo.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Como historiador será sempre recordado pela monumentalidade do seu trabalho de pesquisa e recolha documental presente na *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Literários e Artísticos de Portugal nos successivos reinados da Monarchia*, a qual é incontornável para se compreender, além das instituições, a História da Educação e da Administração Pública em Portugal.

Bibliografia activa: *Beja no anno de 1845 ou primeiros traços estatísticos d'aquella cidade*, Typographia de A. L. da Cunha, Funchal, 1847; *Collecção dos Escriptos Administrativos e Litterarios do Snr. Joze Silvestre Ribeiro, governador-civil do distrito de Angra do Heroismo, desde 26-XI-1839 a 26-XI-1843*, compilação de Félix José da COSTA, 1.ª Parte, Imprensa do Governo, Angra do Heroísmo, 1843 (2.ª Parte, 1844); *Esboço Historico de D. Duarte de Bragança irmão de El-Rei D. João IV*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1876; *Estudo Moral e Político sobre os Lusíadas*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1853; *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artísticos de Portugal nos successivos reinados da Monarchia*, vols. I-XIX, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1871-1893/1914; *O Real Observatorio Astronomico de Lisboa: noticia historica e descriptiva*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1871; *Primeiros Traços d'uma Resenha da Litteratura Portugueza*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1853, 1855; *Resoluções do Conselho de Estado na Secção do Contencioso Administrativo*, coligidas e explicadas por José Silvestre RIBEIRO, vols. I-XVIII, Imprensa Nacional, Lisboa, 1854-1874; *Singelo epitome de esclarecimentos acerca da protecção devida aos animaes*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1875.

Bibliografia passiva: «José Silvestre Ribeiro», in *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, vol. III, Assembleia da República/Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2006, pp. 464-468; *Actas do Colóquio Comemorativa dos 200 Anos do Nascimento de José Silvestre Ribeiro*, Instituto Açoriano de Cultura/Câmara Municipal, Praia da Vitória, 2008; *Apontamentos Históricos sobre Bibliotecas Portuguesas*, organizado e antiloquiado por Álvaro NEVES, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1914; *Comemorações do Bicentenário do Nascimento do Conselheiro José Silvestre Ribeiro. Exposição Bibliográfica*, comissariado e textos de António Silveira CATANA, coordenação de Carla NABAIS, Câmara Municipal, Idanha-a-Nova, 2008; CUNHA, José Germano da, *O Conselheiro d'Estado Extraordinario José Silvestre Ribeiro*, Typographia da «Beira Baixa», Fundão, 1893; DIAS, Eduardo da Rocha, *Elogio Historico do Conselheiro José Silvestre Ribeiro*, Typographia Franco-Portugueza, Lisboa, 1891; *José Silvestre Ribeiro. Actas da Jornada "O Liberalismo e José Silvestre Ribeiro"*, coordenação de António Silveira CATANA, Câmara Municipal, Idanha-a-Nova, 2008; NUNES, M.ª de Fátima, *José Silvestre Ribeiro: 1807-1891. De Idanha-a-Nova às vivências da cultura europeia. Imaginários, prática liberal, memória nacional*, Câmara Municipal, Idanha-a-Nova, 2009; SANTOS, Júlio Eduardo dos, *Elogio Histórico do Conselheiro José Silvestre Ribeiro*, Imprensa Beleza, Lisboa, 1925; SILVA, Inocência Francisco da, «José Silvestre Ribeiro»,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

in *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, vol. V, Imprensa Nacional, 1860, pp. 134-136; vol. XIII, 1885, pp. 213-217; VIEIRA, M.^a João Lopes, *José Silvestre Ribeiro (1807-1891). O Liberal e o Humanista*, prefácio de António Machado PIRES, CMPV, Praia da Vitória, 2011.

Eurico Gomes Dias



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA